

O amor com revolução: Carmélia M. de Souza, a cronista do povo

Love as a revolution: Carmélia M. de Souza, the chronicler of the people

Larissa Ferreira Prudêncio Trovalin¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise do amor, presente em *Vento sul* (2002), de Carmélia Maria de Souza, autora que colaborou como cronista para vários jornais do Espírito Santo. Conhecida por seus escritos contestadores e apaixonados, Carmélia personificou o espírito da geração do pós-guerra, incorporando os ideais da contracultura e subvertendo o estado de coisas das décadas de 50 e 60.

Palavras-chave: Carmélia Maria de Souza: crônica: amor.

Abstract: This article aims to present an analysis of love, present in *Vento Sul* (2002), by Carmélia Maria de Souza, who collaborated as a chronicler for several newspapers in Espírito Santo. Known for her challenging and passionate writings, Carmélia personified the spirit of the post-war generation, incorporating the ideals of the counter-culture, subverting the situation from the 1950s to the early 1960s.

keywords: Carmélia M.de Souza: chronicle: love.

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Espírito Santo, UFES. Atua como professora do Ensino Médio Integral da Secretaria do Estado do Espírito Santo- SEDU. Bolsista CAPES.

CARMÉLIA: UM POUCO DE BIOGRAFIA, UM POUCO DE *VENTO*
SUL

Pega em minha mão que te levarei para o sol, te tirarei dessa cisterna, onde vives lógico e escuro. Eu te falarei de coisas, porque dentro das coisas há segredo, há caminhos.

(Carmélia M. de Souza)

Carmélia foi uma época.

(Mariangela Pellerano)

Quando eu morrer não ponham muitas flores sobre mim, que sinto falta de ar.

(Carmélia M. de Souza)

Carmélia M. de Souza, oitava filha de Pedro Dias de Souza e Etelvina de Souza, escritora nascida na Fazenda Rodeio, em Rio Novo do Sul, Espírito Santo, em 15 de maio de 1936, e falecida em 13 de fevereiro de 1974; autora que subverteu a ordem da época contribuindo com suas crônicas para diversos jornais de Vitória, tais como **A Tribuna, A Gazeta, O Diário, Vida Capichaba, Sete dias, O Debate, Jornal da cidade**. Segundo Amylton de Almeida, Carmélia foi uma “personalidade trágica, dominadora, hostil, amiga, fascinante, agressiva, desesperada, solitária, digna, intranquila, perversa, inevitável, querida, cínica, debochada, alegre, lírica, suave, triste, infeliz” (ALMEIDA, 1976, p. 26).



Carmélia M. de Souza, Arquivo Público Municipal de Vitória, 1970

Em uma crônica intitulada “Carmélia: a cronista que cultivava abóbora”, a jornalista Sandra Medeiros, em seu blog pessoal, rememora o momento em que foi apresentada à autora, por Amylton de Almeida:

Ele falou dela com carinho e admiração, mas me advertiu que cultivava um invisível pé de abóbora e que bebia. [...] Misturava fantasia, bastidores das redações todas da cidade, da política, dos personagens que ocupavam as colunas sociais, com coisa mais séria: cinema e existencialismo. Falou do pé de abóbora que assegurou que cultivava em seu apartamento e que fazia ruído enquanto crescia; falou dos amigos do jornal e dos inimigos, falsos inimigos, pessoas que ela conhecia e que eram alvo de sua ironia (MEDEIROS, 2024).

A presença constante da escritora na vida boêmia de Vitória, bem como nas redações dos jornais, foi o vislumbre de um mundo mais igualitário para todas e todos. Carmélia personificou o espírito das gerações dos anos 50 e 60, vencendo preconceitos e diluindo a distinção de classe através de sua atuação marcante e definitiva na vida dos anônimos, talentosos e fúteis, almas que ela fustigava e instigava

com o poder de seu humanismo. Carmélia permanecia fiel aos valores de toda uma geração: a boemia, o amor pela literatura, a fidelidade ao sentimento de amizade, fraternidade, solidariedade e às raízes do povo, “assim como a beleza geográfica da nossa ilha (uma delícia) da qual ela nunca quis sair” (ALMEIDA, 1976, p. 25- 26).

Algumas crônicas publicadas ao longo dos anos foram reunidas em um livro póstumo, *Vento sul*, em 1976, pela Fundação Cultural do Espírito Santo. Os textos que compõem a obra foram selecionados e (belamente) apresentados por Amylton de Almeida (1976). A primeira edição conta com quatro partes: “Esta ilha é uma delícia”, “Cartas do meu redemoinho”, “Tempo e cidade” e “Vento sul”.

Outras duas edições foram lançadas: uma em 1994 e outra em 2002, cada uma com alterações próprias. Segundo Francisco Aurélio Ribeiro, não existem três edições de *Vento sul*, mas três publicações diferenciadas da edição original de 1976, lançada dois anos após a morte de Carmélia M. de Souza, “a principal cronista de sua geração” (RIBEIRO, 2008, p. 236).

É importante ressaltar que o título do livro foi uma homenagem feita por Amylton de Almeida à Carmélia, que em algumas crônicas afirmou que jamais concluiria seu romance *Vento sul*:

Escondo, entre os troços mais íntimos, esta frustração: o haver começado um livro – de nome *Vento sul* – e não ter tido coragem suficiente para continuar e chegar ao fim. Vou morrer com esta mágoa, verdadeira crueldade que cometi comigo mesma. Estou certa de pouca coisa nesta vida, e uma delas é esta: jamais escreverei o *Vento Sul*. (SOUZA, 2002, p.35)

A cronista afirma ainda que deixava para Dindi, essa persona com quem estabelece uma interlocução constante, sobretudo, quando os

textos adquirem um tom mais sentimental, o pedido para que ela finalizasse a obra inacabada:

Deixo as minhas crônicas (publicadas ou inéditas) para você. Deixo também para você os personagens de um livro que jamais terminarei de escrever. Termine-o por mim, Dindi! Escreva o *Vento sul*. Se você fizer isto, eu cobrirei todas as noites o seu sono com a poeira azul das estrelas. E reservarei uma ao lado da minha, para você morar (SOUZA, 2002, p. 173-174).

O caráter intimista que Carmélia estabeleceu com seus leitores, a força, a ternura e a ironia, combinação usual, porém nunca monótona, da cronista através de seus textos, trouxeram à baila temas do cotidiano e as transformações sociais e culturais dos anos 50 e 60, como por exemplo a inserção da mulher no trabalho extra doméstico e no exercício de profissões.

Reinaldo Santos em No livro *Mapa da Literatura Brasileira feita no Espírito Santo* (2019), refere-se à Carmélia como “uma das grandes vozes a surgir no final dos anos 50 e a consolidar-se na década seguinte no meio literário” (NEVES, 2019, p. 74). Segundo Francisco Aurélio Ribeiro

Vivendo intensa e apaixonadamente a contestação da juventude dos anos 60, Carmélia personifica o espírito dessa geração de transição dos ‘anos dourados’ do pós-guerra aos ‘anos rebeldes’ dos revolucionários de 68. [...] Suas crônicas refletem o lado sobretudo humano da vida, que estava sendo massacrado pela tecnocracia que se implantava num país dominado pelos militares e pela cultura norte-americana. Carmélia escrevia com a paixão, o coração, mais do que com a razão. Suas crônicas não são só jornalísticas, mas, principalmente, repletas de sentimento de abandono, ódio, amor, compaixão (RIBEIRO, 2008, p. 64)

Podemos afirmar que Carmélia M. de Souza foi uma mulher revolucionária pela sua irreverência, protagonismo e que não se acovardou diante de uma sociedade fortemente preconceituosa e tacanha, referida pela cronista como TFC, Tradicional Família Capixaba, os “defensores da moral e dos bons costumes” da época e que foram, muitas vezes, alvos de seu sarcasmo.

Em suas crônicas e em sua vida, a autora personificou o espírito da fossa, criando sua “Teoria geral da fossa” (SOUZA, p. 38), palavra muito característica daquelas décadas e que teve na música representantes femininas importantes como as cantoras Waleska e Maysa e que expressava uma profunda melancolia com relação aos amores impossíveis e às mazelas da vida. No caso de Carmélia os relatos de fossa presentes em *Vento Sul* (2002), dosam melancolia com ironia, que caracteriza fortemente sua escrita

Não me venham procurar mais com a intenção de pedir orientação de caráter terapêutico para dar um jeito nas suas fossas. Aliás, não pretendo mais ser confidente de fossinhas mixurucas: só aceito drama de alto gabarito, com tradição e *pedigree*. E por favor, não tentem curar as minhas. São heranças que me restaram por culpa das pessoas, que, se por um lado não fizeram por onde continuar merecendo a minha ternura e o meu amor, fizeram, quando nada, com que eu aprendesse a ser mais humana, mais nobre, diante desta vida que todas as fossas vão tornando cada vez mais bela. Ou mais triste (SOUZA, 2002, p. 40-41)

A cronista esteve atenta aos movimentos da época e era toda coração nas palavras que selecionava para compor seus textos. Suas crônicas cruzavam a fronteira do jornalismo e levavam consigo muito da

personalidade paradoxal dessa autora que amava e ironizava a ilha-delícia chamada Vitória.

O AMOR COMO REVOLUÇÃO

Na realidade mesmo, não me prenderei jamais a nenhum grupo e a ideologia nenhuma.

(Carmélia M. de Souza)

Se o desamor é a ordem do dia no mundo contemporâneo, falar de amor pode ser revolucionário.

(bell hooks)

A verdade é que chegou um tempo em que todo mundo parece ter medo de falar em amor. Chegou um tempo em que falar de amor significa subversão.

(Carmélia M. de Souza)

Carmélia M. de Souza expôs em sua escrita o sentimento de dor do mundo e uma certa esperança de que ele poderia ser transformado a partir do amor, não apenas o amor sentimental, associado ao século XVIII (ainda que esse ressurgja de certo modo, na temática da fossa), mas um amor que une forças, que constrói pontes e humaniza. Apesar de o momento político daquelas décadas serem de perseguição e morte, afinal, eram os tempos da ditadura, Carmélia, sustentou em parte de suas crônicas, a possibilidade da criação de frestas de beleza, que se dariam a partir das relações com o outro, de elos com o coletivo.

A verdade é que eu gostaria de dizer apenas coisas doces e agradáveis [...] e nem sempre isso tem sido possível, tendo em

vista as limitações, a falta de tempo, o medo da polícia, a fossa. [...] mas talvez seja mesmo curta, a vida. Mas se ela é curta, que seja intensa, pelo menos em direção ao alvo humano, em se tratando de conquista conjunta, de mãos dadas (SOUZA, 2002, p.95).

A escritora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense bell hooks (1952-2021) propõe em sua obra *Tudo sobre o amor* (2021) uma perspectiva desafiadora e que está em consonância com a escrita de Carmélia M. de Souza, em alguns aspectos, guardadas as devidas diferenças de tempo e culturas, que é colocar o amor na centralidade da vida. A escritora estadunidense defende a prática do amor, destituindo a ideia de que ele é apenas um sentimento e que seja compreendido como ética de vida. A autora defende que o pessoal é político e que o amor é potência transformadora à medida que torna possível o rompimento do ciclo de violências que constituem os sujeitos na sociedade. Segundo Silvano Silva, no prefácio de *Tudo sobre o amor* (2021)

Seguindo os passos de pessoas que ofereceram o amor como arma poderosa de luta e de transformação da sociedade, como Martin Luther King Jr., por exemplo, bell hooks reposiciona o amor como uma força capaz de mudar todas as esferas da vida: a política, a religião, o local de trabalho, o ambiente doméstico e as relações íntimas. (SILVANO, 2021, p. 11).

hooks pensa o amor como ação que contém em si cuidado, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta. A autora afirma que as ações constroem os sentimentos, e não o contrário, como é comumente entendido. Nesse sentido, Carmélia M. de Souza ao entender sua es-

crita como ponte para o estabelecimento de uma sociedade mais igualitária, aproxima-se de hooks (2021):

E por mais longo que seja o caminho, por mais pedras que nos sejam atiradas, um dia a gente chega. E desde o momento em que compreendi isto, comecei a cavar e a construir. Quando nada, vou cumprindo a tarefa de aperfeiçoar a ferramenta para os outros, que certamente virão. Quando nada, um dia, talvez, é possível que eu me saiba um pedaço dessa ponte que deverá conduzir a humanidade até um mundo melhor (SOUZA, 2002, p. 95).

Segundo Amylton de Almeida, Carmélia optou por um estilo de vida que lhe permitiu experienciar as nuances da desilusão amorosa, integrando a "geração traída" que se inspirou no existencialismo de Jean-Paul Sartre e nas ideias de Simone de Beauvoir (ALMEIDA, 1976, p. 23). Ainda assim, a cronista não se filiou diretamente a nenhuma ideologia da época, e, segundo a amiga e jornalista Sandra Medeiros (2024), "jamais aceitaria ser enquadrada em qualquer rótulo, especialmente a siglas, sendo bastante reservada quanto aos seus amores, por exemplo". A militância pelo amor como ação se deu, na vida e na escrita de Carmélia, ancorada na escolha dos parceiros de caminhada e na democratização da leitura através de suas crônicas, publicadas em jornais, e, portanto, de certo modo, acessíveis a uma parcela razoável da população letrada.

No momento, a disputa por um pedaço de pão atirado no lixo, a dura luta contra a escravidão (em suas várias formas) é o que constitui a presente e amarga realidade que me foi dada para contemplar. Talvez eu tenha até me tornado uma chata, desde o dia em que resolvi entrar nessa briga que alguns não entendem [...] trata-se de um caminho que estou construindo e en-

sinando. E como é importante que haja o amor, na briga!
(SOUZA, 2002, p. 96)

De acordo com hooks, o despertar para o amor somente pode acontecer caso haja um desprendimento da obsessão pelo poder e dominação, uma vez que a ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente. Para tal, são necessárias mudanças radicais na estrutura social, no sentido de tornar o amor um fenômeno social. Ainda segundo hooks, apenas indivíduos que escolhem amar podem alterar a própria vida e alteram, conseqüentemente, a ética do que está ao redor, abraçando “uma visão global em que vemos a nossa vida e nosso destino como intimamente ligados aos de todas as outras pessoas do planeta” (hooks, p.47, 2021). O compromisso com a ética amorosa alteraria a vida como um todo de uma sociedade.

Carmélia certamente deixou registrado seu amor por Vitória, pela literatura e pelas pessoas, humanizando-se e estabelecendo assim, uma interlocução muito intimista com seus leitores e colocando o amor em ação a partir da crença de que somente ele seria a ponte possível a ligar todas as pessoas, neste sentido, tal como hooks (2021).



Cartaz da peça teatral “Carmélia por amor”, 1975

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021. 272 p.
- MEDEIROS, Sandra. **Carmélia – A Cronista que Cultivava Abóbora**. 27 agosto 2024. In: sandramedeiros.wordpress.com. Disponível em <https://sandramedeiros.wordpress.com/2024/08/27/carmelia-a-cronista-que-cultivava-aboboras/>. Acesso em: 05 out. 2014
- NEVES, Reinaldo Santos. **Mapa da Literatura Brasileira feita no Espírito Santo**. 2. ed. Vitória: Cândida, 2019. v. 20, cap. 15, p. 70-76.
- PELLERANO, Mariangela. **Dias de vinho e de rosas**. *Você*, Vitória, ano III, n. 24, p. 12-15, jul. 1994.
- RIBEIRO, Francisco Aurelio; AZEVEDO, Thelma Maria (Org.). **Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo**. Serra: Formar, 2008.
- SOUZA, Carmélia Maria de. **Vento Sul - crônicas**. Edição do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples). 3. ed. Vitória: Gráfica do Espírito Santo, 2002. 192p.
- SOUZA, Carmélia Maria de. **Vento Sul - crônicas** In: SOUZA, Carmelia Maria de. (ed.). Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1976. p. 9-25